

# ATUAÇÃO DOS ALDEAMENTOS MISSIONÁRIOS JESUÍTICOS DURANTE A INVASÃO HOLANDESA DA BAHIA (1624-1625)

JULIANA FUJIMOTO<sup>1</sup>

## Introdução

Próximos de completarem um século de missão no Brasil, os jesuítas do Colégio da Bahia se defrontaram com a tarefa de ajudar a proteger a cidade de Salvador da invasão holandesa entre os anos de 1624 e 1625.

Quando ocorreu a referida ocupação, os membros da Companhia já tinham experiência nas atividades bélicas da colônia, porque ajudaram a Coroa portuguesa na consolidação do domínio português sobre seu novo território no continente americano. Essa ajuda incluiu a transformação das guerras inter-tribais - centrais para os grupos tupi – em guerras contra os inimigos da colonização, a saber, os índios hostis ao domínio português e os estrangeiros, sobretudo os franceses, que tentaram se estabelecer em algumas regiões do país, ao longo das primeiras décadas da colonização.

Mediante a necessidade de guerreiros pelo poder colonial e a percepção das habilidades bélicas nativas, logo colonos e padres aprenderam a negociar com os indígenas seu auxílio nas guerras realizadas no decorrer desse primeiro período da colonização. No caso dos padres, além da negociação da ajuda bélica indígena, acreditamos que houve uma negociação dos sentidos da guerra no contexto da catequese e dos aldeamentos. Assim, se no início a guerra foi considerada incompatível com a civilização e a cristianização dos indígenas, logo ela foi percebida como necessária à consolidação da colonização. Dessa forma, alguns elementos que constituíam o complexo guerra-sacrifício Tupi não foram abolidos do cotidiano dos aldeamentos, mas foram nele integrados e possivelmente ressignificados. Sendo importante enfatizar que os resultados dessa ressignificação, muitas vezes ultrapassou os sentidos que os padres lhes queriam dar.

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Doutoranda, FAPESP.

Neste artigo pretendemos analisar o envolvimento dos aldeamentos jesuíticos na guerra contra os holandeses que invadiram a Bahia em 1624, tendo em vista as diferenças entre católicos e calvinistas expressas na *Ânua* de 1626, escrita pelo jesuíta Antônio Vieira (VIEIRA, 2003). Pesquisaremos também os sentidos que a referida guerra assumiu para os missionários e para os indígenas em busca de possíveis *códigos compartilhados* a respeito dos confrontos contra os holandeses.

Utilizaremos o termo *código compartilhado* como um conceito-chave, seguindo a proposta feita por Montero para a análise do encontro intercultural entre missionários e indígenas. De acordo com esse viés de análise, *códigos compartilhados* seriam códigos comunicativos construídos contextualmente no encontro intercultural, por missionários e indígenas, em busca de significados comuns para os elementos culturais que entram em jogo na comunicação. Dessa forma, o *código compartilhado* constitui-se como referência para os grupos em interação, já que emerge como o resultado de um acordo sobre o padrão de entendimento de certas situações (MONTERO, 2006:28).

Centraremos nossa análise na ação do missionário jesuíta para elaborar, em conjunto com os indígenas aldeados, acordos sobre o padrão de entendimento a respeito da guerra contra os holandeses. As referidas construções foram representadas em alguns documentos que tratam da atuação dos padres na referida guerra<sup>2</sup> e em documentos produzidos pelos próprios missionários<sup>3</sup>.

O enfoque na figura do missionário segue a proposta da *Teoria da Mediação Cultural*, que propõe o estudo da questão da interculturalidade a partir da análise da atividade missionária entre as populações indígenas no Brasil. Como apontou Gasbarro, a missão é o trabalho de re-construção dos códigos comunicativos no qual são colocados em prática processos de universalização presentes no cristianismo. Segundo o autor, os missionários são especialistas nesse tipo de recodificação, já que seu trabalho consiste na “*recodificação cultural, a partir de sofisticadas técnicas antropológicas e do conhecimento das culturas locais em um contexto prático da vida intercultural*” (MONTERO, 2006: 50-6). Por sua vez, como evidencia Montero, é consenso entre os

---

<sup>2</sup> Certificados sobre a atuação dos missionários jesuítas na defesa da Bahia contra o ataque dos holandeses. IEB-USP, Coleção Alberto Lamego.

<sup>3</sup> Em relação aos textos pela Companhia de Jesus a respeito da invasão holandesa à Bahia, até o momento só tivemos acesso à *Ânua* de 1626, escrita pelo padre Antônio Vieira, publicada em separata e em várias coletâneas da sua correspondência, das quais nós escolhemos aquela publicada em 2003 pela editora Hedra.

pesquisadores que mesmo que os indígenas incorporem em seu código cosmológico as diferenças, suas categorias, na maior parte dos casos, têm um menor grau de generalização (MONTERO, 2006: 56).

Portanto, nossa principal fonte de códigos compartilhados será a Ânua de 1626, escrita pelo missionário Antônio Vieira (VIEIRA, 2003). Usaremos como fontes complementares os certificados redigidos por militares sobre a atuação dos jesuítas na guerra contra os holandeses e o relato de Vicente do Salvador sobre a referida guerra.

Consideraremos nessa análise a data da guerra contra os holandeses (1624-1625) e o fato de que para essa guerra recrutou-se soldados indígenas de aldeamentos criados entre o final da década de 1550 até meados da década 1560 (LEITE, 2004), em outras palavras, partimos da suposição de que, na época da invasão holandesa, alguns acordos sobre o sentido da guerra já estavam estabelecidos, já que, ao longo de aproximadamente 75 anos de missão a guerra indígena já fora adaptada em suas ações e em seus sentidos às demandas da colônia e ao cristianismo ensinado pelos jesuítas.

### **A guerra contra os holandeses na carta ânua de 1626**

Na carta ânua de 1626, referente aos anos de 1624 e 1625, escrita em duas versões, uma em latim e a outra em português, o jesuíta Antônio Vieira relatou a invasão holandesa à Bahia, enfatizando em seu relato as ações do Bispo D. Marcos Teixeira – que assumiu o posto de capitão dos soldados depois da prisão do governador –, dos jesuítas e dos índios aldeados na guerra contra os “hereges” holandeses.

Este texto, escrito quando Vieira era noviço, concebe esse episódio a partir de uma interpretação da história que associa os acontecimentos mundanos às Sagradas Escrituras (que são atualizadas nos eventos) e, por consequência, aos planos de Deus para os homens. A origem dessa idéia pode ser encontrada no pensamento missionário e no modelo católico da oratória sacra dos séculos XVI e XVII (PÉCORA, 2000: 12). Nesse sentido, a invasão holandesa é entendida por Vieira como um castigo de Deus pelos pecados dos moradores da capitania da Bahia.

Vieira inicia a narrativa da invasão holandesa, mencionando a profecia, feita por um padre da Companhia, de um castigo que seria enviado por Deus:

*“Alguns dias antes da chegada dos inimigos, estando no coro em oração dois dos nossos padres, viu um deles a Cristo Senhor Nosso, com uma espada desembainhada*

*contra a cidade da Baía, como quem a ameaçava. Ao outro dia apareceu o mesmo Senhor com três lanças, com que parecia atirava contra o corpo da igreja. Bem entenderam os que isto viram que prognosticava algum castigo grande; mas de qual houvesse ser estavam incertos, quando, em dia da Aparição de S. Miguel, que foi a 8 de maio de 1624, apareceram de fora, na costa, sobre esta Bahia, 24 velas holandesas de alto bordo, com algumas lanchas de gávea (...)”<sup>4</sup>. (VIEIRA, 2003: 82)*

No desenrolar da narrativa, a unificação da população que ficou em Salvador para lutar contra o inimigo holandês, a despeito das antigas inimizades e diferenças; as confissões que os padres conseguiram dos combatentes que estavam doentes ou moribundos e o empenho dos combatentes brasileiros na guerra contra o inimigo “herege” constituirão as ações que conduzirão os ibéricos à redenção de seus pecados e à vitória contra os holandeses. Assim, segundo o ponto de vista de Vieira, o castigo enviado por Deus, os acontecimentos gerados por conta desse castigo e a comunhão dos católicos tiveram papel fundamental na vitória contra os holandeses.

Portanto, os significados da guerra para os índios e para os missionários aparecem em uma narrativa fortemente influenciada pelo pensamento católico. No entanto, como veremos, uma estudo que considere o contexto de produção da carta, e as culturas envolvidas nessa construção de sentidos para a guerra, nos auxiliará a recuperar os fragmentos das concepções nativa e missionária sobre esse acontecimento.

### **Atuação do clero secular e das ordens religiosas da Bahia no combate aos “hereges”**

Em maio de 1624 chega à Salvador uma esquadra com 26 navios holandeses, com os objetivos de molestar a política imperial espanhola e retomar os negócios com o açúcar brasileiro (PUNTONI, 1992: 57). Segundo relatos da época, os colonos da Bahia já haviam sido avisados pelo rei espanhol a respeito do perigo do ataque holandês, mas não haviam tomado as necessárias precauções. Dessa forma, ao avistar as armas e os navios espanhóis, a maior parte da população preferiu fugir a empreender uma guerra contra os invasores (SALVADOR, 1982:362).

---

<sup>4</sup> VIEIRA, Antônio. *Cartas do Brasil*. São Paulo: Hedra, 2003. P.82.

Nesse contexto, parece ter sido de grande importância a ajuda dos membros das ordens religiosas e do clero secular da Bahia, que inicialmente exortaram os habitantes locais a ficarem e guerrearem, proferindo um discurso que valorizava as ações guerreiras contra o inimigo “herege” e louvava a morte em campo de batalha (que poderia ser comparada a um martírio). Segundo o padre Antônio Vieira, na ocasião do desembarque dos holandeses em Salvador, quando o governador Diogo de Mendonça preparava a resistência, o Bispo D. Marcos Teixeira saiu às ruas:

*“com uma companhia de eclesiásticos, armados não só para animar a gente, mas para com a espada na mão se defender, e ofender se fosse necessário, ao inimigo. E correndo todas as estâncias, exortava a todos como verdadeiro prelado, e pastor, a pelejarem até a morte por sua Fé e Rei, e que vencendo ou morrendo por esta causa sempre venceriam. Saíram com a mesma pressa os nossos soldados, e o mesmo fizeram muitos dos outros religiosos. Prepararam-se com não menor cuidado as almas para morte que os corpos para a guerra(...)”.* (VIEIRA, 2003:82-3)

Nos momentos seguintes dos confrontos com os holandeses, que duraram quase um ano, os religiosos da região passaram a participar ativamente das batalhas: depois que o governador Diogo de Mendonça foi preso pelos holandeses, o bispo D. Marcos Teixeira assumiu a função de capitão-mor, passando a organizar a resistência ao inimigo (SALVADOR, 1982, 366); os jesuítas, segundo Vieira e alguns militares que participaram das últimas batalhas contra os holandeses, formaram exércitos com os homens adultos dos aldeamentos sob sua tutela, consolaram e animaram os combatentes nos campos de batalha, cuidaram e confessaram os doentes e moribundos, além de carregarem água e pedra para as trincheiras<sup>5</sup>.

Das ações dos jesuítas na referida guerra, destacamos aqui as exortações aos combatentes e o recrutamento de soldados indígenas nos aldeamentos missionários. Segundo o relato de Vieira, os índios foram fundamentais durante a resistência ao invasor holandês, tanto pela fidelidade que estes tiveram aos colonos - não se aliando aos holandeses, como alguns negros e portugueses o fizeram -, quanto pela tática bélica empregada, que foi indígena na maior parte do tempo da resistência (VIEIRA, 1955: 57-59).

---

<sup>5</sup> Certificados sobre a atuação dos missionários jesuítas na defesa da Bahia contra o ataque dos holandeses. IEB-USP, Coleção Alberto Lamego, Código dos documentos: 34.1, 34.6, 34.7, 34.8, 34.9, 34.10, 34.13.

Uma forte motivação para o empenho dos membros do clero secular e das ordens religiosas na resistência baiana parece ter sido o fato do inimigo a ser combatido ser protestante. No relato de Vieira sobre a invasão holandesa, a religião professada pelos inimigos dos portugueses dá ensejo a uma série de medidas tomadas pelos padres a fim de evitar que a “heresia” calvinista se espalhasse pela população da colônia e também para conseguir o favor de Deus para a causa ibérica, que do seu ponto de vista era também a causa divina. Essas medidas tiveram como ponto central o reforço dos dogmas e ritos da igreja católica, criticados e banidos pelos calvinistas, ganhando destaque, dentre estes, as procissões, a celebração do santíssimo sacramento, o culto das imagens e o sacramento da confissão.

Um exemplo pode ser observado na celebração da quaresma que ocorreu durante a ocupação holandesa. Nessa ocasião os padres se dedicaram mais:

*“pelo tempo ser mais santo acrescentavam ladainhas procissões, e mais pregações, e fizeram celebrar os ofícios da semana santa desencerrando o Santíssimo Sacramento, assim, e da maneira que o fizeram se estiveram na cidade, cousa que consolou muito, e animou os verdadeiros católicos, que vendo que os hereges infeccionavam a cidade com suas abominações, e ritos heréticos, nós em procissões, orações e ofícios santos, santificávamos os matos; com o que Deus era mui servido e honrado”.* (VIEIRA, 1955: 55-56)

Um evento emblemático de uma atitude defensiva dos padres em relação às agressões calvinistas ao catolicismo ocorreu por ocasião da entrada dos holandeses na Quinta dos jesuítas, onde havia ficado um padre cuidando de alguns enfermos:

*“com a esperança de morte por seu amor, se Deus fosse servido. Este [o padre] não deixou passar a ocasião de se confessar a si e a seus companheiros, em presença dos hereges, por católicos romanos, que eles tanto aborrecem; como foi que indo um com a espada nua para um crucifixo, o Padre lhe foi à mão dizendo que aquela era a imagem verdadeira do filho de Deus Jesus Cristo, digna de toda a veneração. E pedindo-lhe eles carne lha negou, e disse que a Igreja Católica e Romana a proíbe a seus fiéis nas sextas feiras, qual aquele dia era, e portanto lh’a não havia de dar. Deu-lhes porém outras coisas de comer; e antes, no benzer da mesa, e depois no dar das graças, nomeou distintamente as pessoas da Santíssima Trindade, ao que eles cobriram o rosto, e logo com grande fúria quebrando tudo, e deitando com desprezo por terra as imagens, relíquias e ornamentos dos altares, fizeram presa nos cálices e alampadarios, e outra prata, e a levaram consigo”* (VIEIRA, 1955: 25)

Na cena desse encontro entre os jesuítas e os holandeses desenvolveu-se um confronto no qual entrou em jogo elementos do calvinismo que se confrontaram com o catolicismo da Contra-Reforma: em primeiro lugar, o jesuíta confessa a si e aos seus companheiros, em presença dos holandeses, parecendo querer confrontar a concepção calvinista do livre exame de consciência.

Os holandeses, por sua vez, seguindo a tendência iconoclasta da Holanda reformada<sup>6</sup>, tentam destruir um crucifixo com a espada, ato que o padre conseguiu evitar, argumentando sobre a legitimidade de se venerar essa imagem, já que se tratava da “imagem verdadeira do filho de Deus”.

Ainda confrontando os principais pontos de discórdia entre calvinistas e católicos, o holandês pede carne, em um dia em que esse alimento não era permitido aos católicos. O jesuíta não atende a essa sua solicitação, mas lhe oferece outros alimentos, benze a mesa, agradece e nomeia as pessoas da Santíssima Trindade. As atitudes do padre, que retrucou todas as provocações do holandês causaram a ira deste último que, então, começou a quebrar as imagens, as relíquias e os ornamentos. Depois ele roubou os objetos sagrados de prata que havia no local. Contudo, o saque não é bem sucedido, pois os escravos dos padres, armados de arcos e flechas regatam os objetos do roubo.

A partir desse viés, a invasão holandesa a Bahia, relatada por Vieira, pode ser lida também como uma guerra “religiosa” contra os “hereges”, já que, como vimos, esse relato contém várias passagens que narram ações que tinham como intenção reafirmar a posição religiosa daqueles que estavam envolvidos no conflito. Acreditamos que essa significação da guerra tenha sido transmitida aos indígenas por meio dos discursos jesuítas de incentivo à guerra e, assim, integrado (junto com outros elementos) os códigos compartilhados entre padres e indígenas aldeados a respeito do confronto com os holandeses.

### **Atuação indígena no combate aos invasores holandeses**

Alguns estudos recentes destacam a importância dos soldados indígenas e de suas táticas de guerra na defesa da colônia (Almeida, 2000; Puntoni, 2004). A ajuda

---

<sup>6</sup> Iniciada por Karlstadt, um colega de Martin Lutero, a iconoclastia logo se espalhou por vários países europeus que aderiram a Reforma. (EIRE, 1996: 302-305)

bélica dos indígenas poderia ser conseguida a partir dos aldeamentos missionários que, segundo Almeida, eram instituições razoavelmente estáveis, que atendiam aos interesses de diferentes setores do mundo colonial, incluindo os próprios índios que se interessavam principalmente pela terra e pela proteção oferecida pelos padres e pela Coroa (Almeida, 2000: 93).

No caso que estamos analisando, a aldeia do Espírito Santo ocupou uma posição de destaque: criada em 1558, foi uma importante fornecedora de soldados para a guerra contra os holandeses, além de receber os jesuítas, o clero secular local e parte da população de Salvador que fugia dos holandeses que acabavam de entrar na cidade. Assim, este foi o local escolhido para a organização da resistência local, antes do Bispo assumir o posto de capitão-mor e ordenar o assentamento de um arraial mais próximo da cidade (VIEIRA, 2003: 87).

Num segundo momento, a aldeia de São João, junto com outros aldeamentos indígenas, - cujos nomes não são mencionados nos documentos - também receberam refugiados e forneceram soldados para os combates contra os holandeses (VIEIRA, 2003: 88).

Além dos índios aldeados, a guerra contra os holandeses contou também com a participação dos índios escravizados que integraram os exércitos de alguns homens ricos da região (SALVADOR, 1982:362).

Segundo Vieira, por causa da falta de armamento europeu na cidade, os ataques aos holandeses foram quase todos feitos com o armamento bélico nativo - o arco e a flecha. Também se usou muito a tática de guerra indígena, que consistia nas emboscadas, ou seja, ataques realizados a partir de esconderijos nas matas.

Em relação aos motivos pelos quais os indígenas da Bahia guerrearam contra os holandeses podemos apontar para o fato de que parte destes grupos residia nos aldeamentos missionários, sendo que, essa tarefa fazia parte do “contrato” estabelecido entre os índios, os missionários e a Coroa, segundo o qual em troca de terra, proteção e, em alguns casos, de prestígio, os índios executavam alguns trabalhos para a colônia. Todavia, o relato de Vieira fala de uma outra razão que impelia os índios a guerrearem contra os holandeses - era a vingança que deveria ser realizada contra aqueles que mataram seus parentes:

*“Depois da cidade tomada, ao quarto dia, vieram doze ou treze índios parentes de alguns que na bateria do forte foram mortos, deliberados a tomar vingança de suas*

*mortes nas vidas dos holandeses; e assim o fizeram nalguns que andavam desgarrados por fora. Porém um destes, em cujo peito vivia a memória do pai morto, e o amor do mesmo o obrigava a mais, vai-se com seu arco e flechas à porta da cidade, com ânimo avantajado ao do outro Plutão Pinense na guerra da Itália, porque, se este rompeu por meio de inimigos para livrar a vida ao pai cativo, o nosso, para vingar a morte do pai morto, comete a cidade, desafiando a todos, e, depois de ter bem vendida a sua vida e melhor vingada a morte do pai, o acompanhou com a sua, caindo trespassado de uma bala”. (VIEIRA, 2003: 88)*

Essa reação indígena parece indicar que, passado quase um século de missões na Bahia, a guerra indígena não havia sido totalmente transformada segundo a vontade dos missionários, mas negociada: se os indígenas desses aldeamentos deixaram de comer carne humana, e atacar seus inimigos tradicionais a partir de decisões tomadas pelo grupo, eles ainda guerreavam para vingar a morte de seus parentes, principalmente quando esta guerra não era alvo de punição por parte das autoridades coloniais.

Nesse sentido, acreditamos que os jesuítas tenham feito aos índios discursos encorajadores semelhantes às exortações feitas à população da cidade para que esta não fugisse, mas ficasse e enfrentasse os holandeses “adiantando-se com ânimo de verdadeiros soldados de Cristo, até chegar cara a cara com o inimigo, armados só da confiança em Deus” (VIEIRA, 2003: 84). Segundo Vieira, este discurso foi feito por um padre da Companhia quando os jesuítas, provavelmente acompanhados de alguns indígenas, estavam de guarda na ponta de Santo Antônio.

Não se menciona outros discursos dos padres no relato de Vieira, todavia esse relato e os certificados sobre a atuação dos padres emitidos pelos militares que participaram da fase final da luta pela expulsão dos holandeses da Bahia, atestam que os missionários acompanhavam as expedições militares e, entre outras tarefas, animavam os combatentes a guerrearem contra o inimigo “herege”.

Acreditamos que esse discurso contenha, além de palavras parecidas com aquelas já mencionadas, outras que tenham por objetivo difamar os holandeses, “esclarecendo” aos combatentes que se tratavam de inimigos que, além de desrespeitarem a Coroa Ibérica, professavam uma religião falsa e assim blasfemavam o nome de Deus.

Portanto, como motivador principal da participação indígena na guerra contra os holandeses, podemos apontar a sua necessidade de vingança contra aqueles que mataram seus parentes – tal como ocorria em suas guerras “tradicionais” -, sendo esta

aprovada e encorajada pelos missionários que, por sua vez, concebiam que a principal razão para se expulsar os holandeses do Brasil era o fato de se tratarem de hereges, inimigos do rei espanhol.

## **Conclusão**

Essa breve análise da participação dos aldeamentos missionários na guerra contra os holandeses dá pistas de possíveis acordos entre missionários e nativos sobre os sentidos dessa guerra para esses grupos. No caso dos missionários, a guerra assumiu claramente o sentido de uma guerra religiosa contra aqueles que profanavam o nome de Deus e poderiam difundir suas heresias na América Portuguesa. Já para os indígenas, os combates contra os calvinistas parece ter assumido o significado de vingança contra aqueles que mataram seus parentes. Em relação aos sentidos compartilhados é interessante observar que, nesse caso, como os inimigos a serem combatidos eram também inimigos dos missionários e dos colonos, a vingança contra os holandeses foi considerada legítima e, assim, pode ter constituído um sentido compartilhado por padres e indígenas.

## **Fontes**

### **a. Manuscritas**

*IEB/USP- Coleção Alberto Lamego*

Certificado passado por Francisco Perez de Soto, general de artilharia, sobre a atuação dos jesuítas no cerco da Bahia. Corte, 10 de setembro de 1638. 2p. Original. (em espanhol).

Certificado passado por Gomes de Abreu Soares, capitão da infantaria Espanhola do Terço de Portugal, a respeito da ação de alguns padres jesuítas na defesa da Bahia contra ataques de holandeses. Madrid, 4 de fevereiro de 1637. 2p. Original.

### **b. Impressas**

SALVADOR, Vicente do (frei, OFM). *História do Brasil: 1500-1627*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982.

VIEIRA, Antônio. *Cartas do Brasil*. São Paulo: Hedra, 2003. (Introdução e notas: João Adolfo Hansen).

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios aldeados do Rio de Janeiro colonial: Novos Súditos Cristãos do Império Português*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2000.  
Orientador: John Manuel Monteiro.

COHEN, Thomas M. *The Fire of Tongues. António Vieira and the missionary church in Brazil and Portugal*. Stanford: Stanford University Press, 1998.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. V. I. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MONTERO, Paula (org.). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.

MONTEIRO, John M. *Tupis, Tapuias e Historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenismo*. Tese de Livre Docência. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

O'MALLEY, John W. *Os primeiros jesuítas*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos; Bauru, SP: Edusc, 2004.

PUNTONI, Pedro. "A arte da guerra no Brasil: tecnologia e estratégias militares na expansão da fronteira da América portuguesa (1550-1700)". In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vítor; KRAAY, Hendrik (org.). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. P. 43-66.

PUNTONI, Pedro. *Guerras do Brasil (1504-1604). Ataques e invasões durante o Brasil colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Col. Tudo é história).